

Um proletário na batalha do voto

ESTELA LANDIM
Da Editoria de Política

São seis horas da manhã e no pátio do Serviço de Limpeza Urbana, em Taguatinga, os garis aguardam o horário de entrar nos caminhões para mais um dia de trabalho. Chico Vigilante, candidato do PT à Câmara, também chegou cedo e conversa com os homens perguntando quanto ganham, se pagam aluguel, quantos filhos. Quando ele pergunta se têm horário para almoço e os garis respondem que não, o encarregado que não estava gostando da conversa parte para uma discussão e ameaça expulsar o candidato.

Chico Vigilante estava apenas começando mais um dia de campanha eleitoral, no corpo-a-corpo com os eleitores. E começou bem, comprando uma briga e ganhando a simpatia dos empregados na limpeza urbana. Numa maratona que só terminou após a meia-noite, o candidato passou pela Ceilândia, foi conversar com porteiros da 406 Norte e funcionários da Caesb no Setor de Indústria. No Gama, o que seria uma visita numa casa, acabou virando um minicomício, e Chico Vigilante ainda teve fôlego para visi-

São seis horas da manhã e no pátio do Serviço de Limpeza Urbana, em Taguatinga, os garis aguardam o horário de entrar nos caminhões para mais um dia de trabalho. Chico Vigilante, candidato do PT à Câmara, também chegou cedo e conversa com os homens perguntando quanto ganham, se pagam aluguel, quantos filhos. Quando ele pergunta se têm horário para almoço e os garis respondem que não, o encarregado que não estava gostando da conversa parte para uma discussão e ameaça expulsar o candidato.

Chico Vigilante estava apenas começando mais um dia de campanha eleitoral, no corpo-a-corpo com os eleitores. E começou bem, comprando uma briga e ganhando a simpatia dos empregados na limpeza urbana. Numa maratona que só terminou após a meia-noite, o candidato passou pela Ceilândia, foi conversar com porteiros da 406 Norte e funcionários da Caesb no Setor de Indústria. No Gama, o que seria uma visita numa casa, acabou virando um minicomício, e Chico Vigilante ainda teve fôlego para visitar postos de saúde, reunir-se com militantes do partido e discutir a campanha.

— Eu sou empregado, mas eu mando e vou tirar

você daqui, ameaçava o encarregado, irritado com a presença do candidato do PT. Chico Vigilante, cercado pelos garis que acompanhavam com atenção a discussão, respondeu que estava ali para conversar com os trabalhadores. "Democracia é isso", afirmou sem se intimidar e continuou conversando com os garis.

"A proposta do PT é organizar os trabalhadores. Sou candidato para começar a mudar esse País, para que gente como esse encarregado não fique mandando", disse Chico. Os garis aprovaram para denunciar que no SLU o regime é de escravidão. Trabalham oito horas por dia para ganhar no máximo Cz\$ 1.200,00. Os que fazem a coleta só almoçam depois que chegam em casa, às quatro da tarde. A roupa que têm para vestir é o uniforme laranja.

"A gente não pode falar nada aqui, não. Tem que ter alguém pela gente. E regime de escravidão", reclamava um gari, contando quando Chico já ia saindo que só porque conversou com ele o encarregado havia acabado de determinar que deixasse a coleta e fosse varrer rua.

As 8 horas, Chico Vigilante já estava no escritório regional da CEB, em Ceilândia. Com os funcionários, que tomavam café, ele discutiu o problema da sublocação de serviços de empresas, pela CEB, que acaba prejudicando os funcionários da companhia. Falou sobre a estatização das empresas, a estabilidade no emprego, redução da jornada de trabalho e defendeu um salário mínimo real. Salário real, explicou: "E aquele para comprar o mínimo necessário, e de acordo com o Dieese seria de Cz\$ 3.700,00.

Antes de voltar ao Plano Piloto, onde se encontraria com porteiros da 406 Norte, Chico Vigilante parou no posto de Gasolina para abastecer o carro emprestado para fazer campanha. E claro que aproveita para pedir voto ao frentista, que ouve o candidato e diz de sopetão: "E preciso fazer uma greve geral nesse país".

VOLTA AO CAMPO

— Você já ouviu falar da reforma agrária?

— Sei não.

Sentado no meio-fio, Chico Vigilante conversa com os porteiros da 406 Norte, que foram chegando devagarinho para um encontro que estava marcado. Quase todos são cearenses e anentes de virem para Brasília trabalhavam na roça. O

candidato explica que seria uma verdadeira reforma agrária e quando termina, todos os oito porteiros dizem que, se fosse daquele jeito, eles voltariam correndo para o campo.

Chico também diz que não está ali para fazer promessas: "Nós estamos chamando para a luta. Nós, trabalhadores, somos responsáveis pelo que vai existir daqui para a frente. As leis serão piores se votarmos em banqueiros, empresários e latifundiários". Quase todos os porteiros têm dois empregos e reclamam que os preços estão subindo, apesar do congelamento.

Antes de ir para o Gama, onde almoçaria, o candidato petista passa pelo Setor de Indústria onde visita os funcionários da Caesb. No refeitório, com mais de 100 pessoas, ele fala sobre suas propostas e ouve reivindicações. "Trabalhador tem que votar em trabalhador", lembra mais uma vez o candidato, antes de sair.

BAR COMITÉ

Francisca é dona de um bar no Gama, mas quem chega pela primeira vez tem mais a impressão de estar entrando num comitê do Partido dos Trabalhadores. São cartazes, bandeiras, santinhos e todo tipo de material de propaganda dos candidatos do PT. Ali se vende broches e jornal. E também o ponto de encontro dos petistas para tomar uma cervejinha.

Nesse dia dona Francisca preparou um almoço, e fazendo comentários sobre o sumiço da carne, colocou a travessa na mesa dizendo que os bifes teriam que ser socializados. Ela também contou que já recebeu proposta em dinheiro de candidatos do PFL para que deixasse de dar apoio ao PT e retirasse do bar todo o material de propaganda.

Depois do almoço, onde Chico Vigilante só comeu arroz com ovo cozido, recordando seus tempos no Maranhão, começava mais um roteiro de visitas. Na casa de um militante do PT, várias mulheres já aguardavam pelo candidato e a casa acabou ficando pequena para tanta gente. No quintal enfeitado de bandeiras do PT, debaixo da laranjeira, o que seria uma conversa informal acabou virando comício. As pessoas foram chegando e outras ouviam por cima do muro vizinho.

D. Beatriz era a que mais perguntava e dava opinião. "No começo eu ia votar no Meira, mas ouvi dizer que a campanha dele é patrocinada pela Viplan. Ai, pensei, já sofri tanto com esses ônibus". A questão do ônibus entrou em discussão, depois foi a vez da fila do Inamps, da violência.